

# JORGE MONJARDINO: EXPERIÊNCIAS DE MODERNIDADE MÉDICA DURANTE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

MARGARIDA PORTELA\*

Durante a investigação que presentemente desenvolvemos, mais lata e destinada a conhecer o Serviço Médico-Militar Português durante a Grande Guerra, deparámo-nos com a presença de um médico de percurso fascinante, de seu nome Jorge Monjardino. Médico na frente portuguesa durante a Primeira Guerra Mundial, Jorge Monjardino tratou e operou inúmeros homens, feridos por um conflito de proporções nunca vistas, que os atirou em direcção à modernidade, de corpo e alma, e os deixou frequentemente marcados em ambas. Hoje, pouco se sabe deste e de outros médicos que estiveram na Frente Portuguesa. As suas biografias nunca foram feitas, trabalho que tentamos presentemente colmatar, visto que, sem conhecer os intervenientes, dificilmente conhecemos as épocas históricas.

Mas quem foi Jorge Monjardino? Quem foi este médico do qual hoje se fala e se escreve, e o que fez ele há quase 100 anos, que nos permite hoje visioná-lo como um dos introdutores da modernidade médica do pós-guerra em Portugal? Quem foi este médico, e como viveu o conflito que lhe dinamizaria o espírito e o levaria a escrever sobre a Medicina Portuguesa e sobre a forma como a mesma podia vir a ser melhor, diferente e actualizada?

## 1. O PERCURSO ANTES E DEPOIS DO CONFLITO

Partamos então para factos concretos, que nos elucidem sobre a vida deste médico, pese embora se saiba muito pouco sobre a mesma, principalmente em comparação com o percurso bem mais conhecido do seu irmão, fundador da Maternidade Alfredo

---

\* IHC – FCSH/UNL | margaridapereira2003@gmail.com

da Costa, em Lisboa. De seu nome Jorge de Almeida Monjardino, nasceu em Angra do Heroísmo em 1885. Seu pai faleceria um ano depois do seu nascimento. E de seu irmão mais velho o separavam quinze largos anos. Augusto de Almeida Monjardino (1871-1941), que fez de tudo um pouco antes de descobrir a sua paixão e ingressar em Medicina, tornou-se um conceituado médico da sua época. Veio formar-se a Lisboa, vindo das ilhas, como tantos outros jovens conterrâneos. Jorge seguir-lhe-ia quase todos os passos. A diferença de idades levou a que apenas ele partisse para o *Front*. O seu irmão Augusto tinha já passado da idade de recrutamento. Não o terá acompanhado na sua viagem rumo à dura realidade da guerra.

Mas antes dessa grande viagem, Jorge Monjardino empreenderia uma mais pequena, que transformaria a sua vida. Não almejando seguir uma carreira na política, como o haviam feito seu pai e seu avô, conceituados políticos açorianos de cariz republicano, também ele partiria para Lisboa, para concluir os seus estudos na Escola Médico Cirúrgica da capital. Graças a essa escolha, foi cirurgião dos Hospitais Cívicos de Lisboa e médico militar. Optou pela área da obstetrícia e tornou-se um viajante nato. Não só passaria pelo Corpo Expedicionário Português e pela Frente Ocidental, como viria a partir para o Brasil, poucos anos depois da guerra, para ali desenvolver a sua prática médica. Diz-se que por terras de Vera Cruz teve distinta carreira<sup>1</sup>. Ali terá trabalhado no Hospital Egas Moniz – Obra Portuguesa de Assistência, no Rio de Janeiro, e em outras instituições similares, de auxílio à comunidade portuguesa residente<sup>2</sup>.

Regressado a Portugal, exerceu com o seu irmão na Maternidade Alfredo da Costa em Lisboa, fundada pelo mesmo. Ali foi chefe do serviço clínico. E foi ainda docente na Faculdade de Medicina de Lisboa<sup>3</sup>. Passou por cadeiras como Anatomia, Anatomia Topográfica, Medicina Operatória, Patologia Cirúrgica, Ginecologia e Clínica Cirúrgica. Complementou a sua actividade educativa com a publicação de obras e artigos científicos, em Portugal e no Estrangeiro. Destacam-se *Some notes on portuguese surgery*, publicado na *Lancet* de 26 de Janeiro de 1918, e *Cirurgia de Guerra: Conferência*, que se distinguem das demais por referenciar as suas experiências no C.E.P., bem como o seu contacto com a medicina praticada no estrangeiro (MON-

<sup>1</sup> Jorge de Almeida Monjardino, «BPARAH: História – Doadores de fundos documentais». Consultar em <http://www.bparah.azores.gov.pt/html/bparah-historia+fundos01.html>.

<sup>2</sup> A Obra Portuguesa de Assistência foi fundada em 14 de Outubro de 1921 pelo então Cônsul Geral de Portugal no Brasil, o médico Joaquim de Barros Ferreira da Silva, com assessoria de Jorge Monjardino e de outros portugueses. O objectivo principal encontrava-se no auxílio prestado aos imigrantes portugueses que escolhessem o Brasil para residir, prestando assistência médica e farmacêutica, entre outros serviços aos seus sócios, esposas e filhos. Era uma obra de cariz assistencial, no qual se atendiam os necessitados, de acordo com as suas necessidades. (Veja-se «Hospital Egas Moniz – Obra Portuguesa de Assistência». Em <http://www.obraportuguesa.com.br/historia.asp>).

<sup>3</sup> Jorge de Almeida Monjardino. «BPARAH: História – Doadores de fundos documentais».

JARDINO, 1918b; MONJARDINO, 1919). Foi ainda Vice-secretário da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa. Contudo, morreu novo, no auge da sua sabedoria e conhecimento. Tinha apenas 55 anos.

Presentemente, não temos conhecimento da existência de qualquer biografia aprofundada sobre esta importante personagem da Medicina portuguesa dos inícios do século XX. Considerado um cirurgião brilhante, mencionado na Enciclopédia do Ensino, Ciência e Cultura na História da Universidade de Lisboa de forma confusa e cheia de interrogações, e fazendo parte dos açorianos referidos pela Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo (BPARAH), Jorge Monjardino não teve ainda direito a que o seu espólio fosse alvo de recolha e catalogação arquivística, essencial para desmistificar o seu conteúdo. O que dele sabemos provirá muito mais das suas palavras, que acabam por intrigar e adensar o mistério, mas que demonstram igualmente o que ele viu, aprendeu e consigo trouxe das suas viagens em tempo de guerra.

Destas destacam-se as suas visitas a dois locais, dois importantes polos de aprendizagem e de modernidade médica da sua época: o Hospital Carrel, situado em França, na Frente Ocidental; o Queen Mary's Hospital em Sidcup, Inglaterra, na Home Front inglesa. Serão eles os elementos essenciais que nos auxiliarão a demonstrar que Jorge Monjardino é uma personagem da história médica do nosso país que necessita ser mais analisada e conhecida, tarefa a que nos entregamos presentemente e nos tempos vindouros. E fazemo-lo por uma razão simples, que vai além da curiosidade sobre o mesmo: se existe algum médico, desconhecido do grande público ou da Academia, que entendeu onde e como funcionava a Medicina moderna do seu tempo, esse médico foi exactamente Jorge Monjardino.

## 2. JORGE MONJARDINO ENQUANTO MÉDICO DO C.E.P.

Jorge Monjardino não foi o único médico que, uma vez ao serviço do Corpo Expedicionário Português, teve a oportunidade de partir e conhecer locais de aprendizagem, mais ou menos perto das linhas da frente. Existiram outros médicos que visitariam e trabalhariam em hospitais pertencentes aos Aliados, e chegariam mesmo a partir para Paris, para efectuar trocas de conhecimentos ou adquiri-los, de forma empírica, visitando locais diversos. Reinaldo dos Santos tinha partido para França em meados de 1916, para se informar sobre a forma como os Aliados procediam ao tratamento dos seus doentes. A sua experiência ficaria registada no livro *A Cirurgia na Frente Ocidental* (SANTOS, 1916) e ser-lhe-ia muito útil quando liderou um grupo de homens que trabalhou directamente com os Britânicos, em 1917.

Posteriormente, Mestre Reinaldo, como era conhecido entre condiscípulos e colegas, seria visita assídua nas Conferências Interaliadas dedicadas às questões da

Cirurgia de Guerra. Um Currículo Vitae seu, posterior ao conflito, refere que se tornou especialista em fracturas «pendant la guerre». Já as referências à correcta utilização dos Raios-X em campanha são assunto frequente nos seus relatórios secretos, que consultámos no Arquivo Histórico Militar em Lisboa. Todos estes dados são fruto da intensa troca de conhecimento que este médico teve com o Serviço de Saúde Britânico. Já Raúl de Carvalho, médico analista do C.E.P., cujas memórias foram recentemente publicadas, menciona em diversas entradas do seu diário a forma como alguns médicos na frente ocupavam parte do seu tempo a aprender as técnicas utilizadas nos palcos de guerra (CARVALHO, 2013), e as visitas que se efectuavam durante a própria viagem para o *Front*. Visitavam-se colegas de profissão, professores académicos, laboratórios, postos médicos e hospitais, e fazia-se isso durante todo o trajecto, em Espanha e particularmente em França, sendo o Val-de-Grâce local de paragem obrigatória, fonte de conhecimento imensurável. Tratava-se de uma oportunidade a não perder e sem rival.

Mas nem todos os médicos possuíam estas grandiosas oportunidades de enriquecimento. Tendencialmente a oportunidade era dada a académicos reputados, assistentes em universidades e recém-doutorados em Medicina destinados aos hospitais de base, e que serviam de apoio ao sistema instalado na Frente Portuguesa. Os membros dessas equipas eram comumente considerados especialistas e, como tal, precisavam saber tudo o que pudessem sobre o que seria instalado nos hospitais, bem como a forma em que deveriam trabalhar, dentro de uma logística moderna e inspirada no que de melhor se fazia na Frente Ocidental. Assim se adensavam as diferenças entre os médicos que trabalhavam perto das linhas, nos Postos de Socorro Avançados, nos Postos de Socorro e nas Ambulâncias e os da Base e dos Hospitais de Sangue.

Porém, a realidade mais forte era a de que homens como Jaime Cortesão, Bossa da Veiga, Hermenegildo Lourinho, Machado Guimarães Júnior, entre outros, ficavam presos a um sistema em que imperava a necessidade de tratamento urgente dos feridos e doentes, evacuando-os com a máxima rapidez. A sua vida estava frequentemente em perigo, pela sua proximidade das linhas. Jaime Cortesão foi gaseado. Hermenegildo Lourinho e Machado Guimarães Júnior ficaram com os seus homens e foram presos, como eles, na zona do Lys a 9 de Abril, sendo enviados para a Alemanha. Já os médicos da Base viviam vidas diferentes, pese embora pudessem igualmente correr grandes riscos, o que se tornou especialmente evidente com as ofensivas de Março e Abril de 1918, e com o recrudescimento do conflito, que caminhava para o seu fim. Todavia, tinham sido os escolhidos para os exercícios do saber e da modernidade médica. Alguns foram excepções, oscilando entre domínios. Por vezes quase conseguiram juntar tudo no seu percurso em campanha: as viagens, a descoberta, o perigo, o conhecimento, o dever e a modernidade. Um desses casos foi, sem sombra de dúvida, como iremos ver, o do médico Jorge Monjardino.

### a) Um médico na frente

Nem sempre uma ficha de combatente, das milhares que o Arquivo Histórico Militar possui em inúmeras caixas guardadas em Santa Apolónia, Lisboa, nos esclarece ou dá pistas de riqueza tão forte como a de Jorge de Almeida Monjardino, médico do Serviço de Saúde do Corpo Expedicionário Português<sup>4</sup>. Poderoso documento, para além dos seus dados pessoais, encerra em si mesmo três informações valiosas: a sua localização inicial dentro do Serviço de Saúde do C.E.P.; a atribuição de uma licença específica para efectuar viagens de conhecimento médico; a sua presença na batalha de 9 de Abril de 1918.

O então tenente-médico Jorge Monjardino, casado e morador na Avenida Duque de Ávila, n.º 69, 3.º Direito em Lisboa, partiu desta cidade rumo a França a 10 de Fevereiro de 1917. Foi destacado para cumprir serviço na Ambulância n.º 1, cujo pessoal viajou em 29 de Janeiro de 1917 e desembarcou em Brest a 2 de Fevereiro do mesmo ano. Pelas datas podemos afirmar que não terá partido com o pessoal da referida ambulância, tendo uma chegada à frente algo posterior. A ambulância 1 encontrava-se sob o comando da 2.ª Divisão do C.E.P e o seu pessoal, uma vez chegado a França, terá seguido de comboio para Aire, onde desembarca a 7 de Fevereiro. O pessoal médico e auxiliar seguiria então a pé, para se acantonar na aldeia de Ham de Blessy, a uma légua de Aire-sur-la-Lys. Enquanto a ambulância não se encontrava funcional, os médicos montaram um posto de socorros e um posto de vacinação, para combate da febre tifóide e da varíola, e seguiram as ordens de envio de diversos destacamentos a dois hospitais britânicos da zona, onde se encontravam soldados portugueses.

Jorge Monjardino dever-se-ia encontrar entre os que visitaram os referidos polos de atendimento médico ingleses. Contudo, deverá ter ido mais além, o que o levou a um grau de conhecimento superior do Serviço de Saúde inglês, em França e em Inglaterra, bem como à sua ulterior promoção a Capitão-médico em 18 de Janeiro de 1918. Monjardino é autorizado pelo Serviço de Saúde e pelo Exército a viajar e conhecer os hospitais de cirurgia ingleses. Segue com essa missão, como refere a sua ficha, em 12 de Março de 1917. O que viu nessa altura não sabemos, nem a extensão da sua viagem. Comprova-se no entanto que pensaram nele como observador e angariador de conhecimento dentro do Serviço de Saúde aliado. Jorge Monjardino não era apenas um médico em França. Visitava outras unidades Aliadas, percepcionava-as, informava-se e reportava.

Quando regressa deste périplo não sabemos. Em finais do ano encontramos-lo de Licença em Campanha. Não refere a mesma que teria vindo a Portugal, apenas que era

---

<sup>4</sup> A.H.M. Boletim individual de Jorge de Almeida Monjardino.

de 30 dias, começando a contar a partir de 9 de Dezembro. Devia ter-se apresentado em França pelos dias 9 ou 10 de Janeiro, mas não o fez. Contudo, algo de grandioso deverá ter efectuado, pois mesmo ausente e em falta, não tendo regressado ao serviço activo no *front*, é promovido a Capitão. Tal ocorreu a 26 de Janeiro e Jorge Monjardino continuava ausente... O documento é claro na data do regresso: 9 de Fevereiro. E refere ainda que o Quartel-General lhe concedeu «demora de alguns dias». Para quê? Não se sabe o motivo. Mas poderá ter viajado por outros locais que referencia, como Compiègne ou Sidcup. Viagens que refere ter feito durante o tempo de guerra e que não surgem mencionadas no seu boletim C.E.P., mas que poderão ter valido ao médico uma promoção e uma autorização de adiamento para um regresso às linhas portuguesas. Estas são questões que necessitam ser melhor analisadas, mas para as quais podemos nunca vir a ter mais do que conjecturas. Porém, não ficou com a sua imagem danificada pela demora em regressar... Antes pelo contrário. Continuaria a ser figura grata dentro do Serviço de Saúde C.E.P. e entre os meios militares.

Promovido que foi a Capitão, não ficaria muito mais tempo adstrito à Ambulância n.º 1, pois em 17 de Março era mandado prestar serviço no Hospital de Sangue n.º 1 em Merville. Ali se encontrava a 9 de Abril de 1918. E ali desempenhou o seu papel de médico de forma tão exemplar e abnegada que foi amplamente louvado pela sua atitude:

*Louvado pelos serviços prestados no mesmo H.[ospital de] S.[angue] 1 durante o tempo em que ali fez serviço, pela prontidão e boa vontade com que no combate de 9 de Abril de 1918, e quando o bombardeamento da cidade de Merville não permitia intervenções cirúrgicas em casos graves, se prestou a fazer serviço no H.[ospital de] S.[angue] 2 [St. Venaint], também sujeito a bombardeamento, e intervindo ali em casos graves, até onde lhe foi possível só retirando quando lhe foi determinado, revelando sempre modéstia, grande aptidão, zelo e dedicação pelo serviço, aliados à serenidade e abnegação em elevado grau.* (Boletim Individual de Jorge de Almeida Monjardino).

O seu louvor data de 28 de Abril de 1919. Tinha já passado um ano dos acontecimentos e Jorge Monjardino transmutou, antes mesmo do Armistício, da posição de médico para a de paciente. Ainda não se sabem as razões dos seus problemas e queixas, mas foi sujeito a diversas juntas médicas, incluso em Portugal, e a uma Licença em Campanha para as efectuar no Hospital Militar da Estrela e no Hospital Militar Temporário em Lisboa. Terá sido ainda transferido para o Hospital de Base n.º 2, para onde transitara o Hospital de Sangue n.º 1 depois do sucedido no Lys, mas em Setembro de 1918 sabemos que foi decretada a sua total incapacidade para efectuar serviço em Campanha durante seis meses. A 11 de Novembro o conflito chegaria ao fim e o médico não necessita voltar, independentemente do tempo de ausência que lhe foi atribuído. Restava-lhe então contar a sua experiência e o que tinha

visto e aprendido com a Grande Conflagração. E ele assim o fez numa esclarecedora conferência, que nos alerta para a sua viagem desconhecida ao âmago dos serviços de saúde dos Aliados, e que nos compete agora analisar.

## b) Em visita ao Hospital Carrel

Ainda no decorrer de 1918, Jorge Monjardino seria convidado a proferir uma conferência na Faculdade de Medicina de Lisboa, que intitulou «Cirurgia de Guerra». A mesma foi publicada na íntegra, durante aquele ano, enquanto separata da *Medicina Contemporânea* (MONJARDINO, 1918) e, pouco tempo depois, em trechos riquíssimos, na *Atlântida. Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brasil* (MONJARDINO, 1919), alcançando um público muito mais vasto, nacional e internacional, com especial foco de interesse no Brasil. Monjardino partiria para o outro lado do Atlântico, poucos anos depois.

Não se trata do primeiro artigo de grande impacto que detectámos, da autoria deste médico. No seu «Some notes on Portuguese Surgery», artigo publicado em Janeiro de 1918 na *Lancet*, Monjardino reconhece o trabalho feito em parceria com os ingleses, louvando o esforço dos seus médicos e enfermeiras (MONJARDINO 1918b:138). E vai mais longe. Descreve o trabalho português, nos seus mais ínfimos pormenores, com referências claras à forma como se efectuavam cirurgias ou trabalhavam os doentes de diferentes tipos. Demonstrava-se o bom trabalho, os bons intercâmbios com o Serviço de Saúde das British Expeditionary Forces (B.E.F.), o qual investigou conjuntamente com o trabalho português. Nas suas palavras podemos notar assertividade, segurança, raciocínio rápido, e um especialista habituado à análise clara dos acontecimentos, bem como à aprendizagem rápida, tanto pela observação quanto pela experiência.

Na realidade, tanto neste artigo como no seu «Cirurgia de Guerra», elaborado numa fase em que já não se encontrava activo no C.E.P., Jorge Monjardino demonstrou profundos conhecimentos sobre as instalações médicas de guerra, assim como opinou sobre a forma como se encontrava a cirurgia em geral, em Portugal e entre os Aliados. Cirurgia de guerra não mais era do que a velha cirurgia civil elaborada em tempos de conflito. A aprendizagem que fosse feita naqueles tempos podia ser aplicada depois, durante a paz, para tratamento dos pacientes em traumas e problemas mais comuns. Falhas? Talvez apenas a de não conhecer mais sobre a cirurgia e as condições de tratamento dos Alemães, como o próprio refere (MONJARDINO 1919: 1063).

Porém, comparando os cuidados cirúrgicos portugueses com os efectuados por Franceses e Ingleses, chegará a sugerir que Portugal não se encontrava atrasado, não como poderia aparentar, e muito menos como muitos gostavam de vê-lo e pensá-lo.

Em Portugal existiam bons especialistas e bom trabalho efectuado, assim como uma boa capacidade de aprendizagem. Pecava-se, contudo, pela enorme teimosia de muitos dos seus compatriotas e colegas em não lerem ou publicarem em língua estrangeira. Por vezes nem em Portugal publicavam, permanecendo fechados na Academia, nas salas de aula, nos laboratórios e hospitais, o que impedia que revelassem, tanto em Portugal quanto no Estrangeiro, as conclusões ou as evoluções dos seus trabalhos, fosse qual fosse a área de especialização (MONJARDINO, 1919: 1063).

O caso de não publicação no exterior era ainda mais gravoso pelo facto de existirem frequentes críticas aos que, lá fora, não entendiam a medicina efectuada em Portugal. Mas, como se podia fazer compreender aos que viviam em países como a Grã-Bretanha, a França, os Estados Unidos da América, que existia modernidade médica em Portugal, bem como vontade de aprendê-la, quando não se publicava em língua inglesa ou francesa, fora das fronteiras portuguesas? Jorge Monjardino não predicava para não fazer. Com todos os impedimentos e censuras, próprios da guerra, sujeita ao escrutínio da *Lancet* o seu artigo e faz-se publicar. E, dentro do seu país, alerta para a cirurgia, para a dor, para a medicina moderna. Caso para dizer que fazia o que dizia, não sendo apenas um médico moderno mas um visionário, com perfeita compreensão do que seria essencial, outrora e agora, para a transmissão do conhecimento científico a nível nacional e internacional.

Neste contexto encontramos as referências a uma das suas visitas, a que efectuou ao Hospital Carrel em Compiègne. Quando Portugal se embrenha na guerra, já os médicos aliados aproveitavam a mesma para conhecer e publicar sobre determinados achados, invenções médicas e novos conhecimentos, impulsionados pelo próprio conflito, no qual se encontravam há já alguns anos. E um dos grandes, que sobressaiu durante o conflito, foi Alexis Carrel, médico de origem francesa radicado nos Estados Unidos da América, onde trabalhava com outros membros do Rockefeller Institute for Medical Research, desenvolvendo a sua investigação na Universidade de Chicago. Jorge Monjardino terá conhecido este que foi o prémio Nobel da Medicina em 1912. Carrel serviu como Major no Serviço Médico Militar Francês, ajudando a desenvolver o conhecido método Carrel-Dakin, para tratamento de feridas de guerra profundas, referido em todas as suas biografias (DROUARD, 2000; GERMAIN, 2013). Este método foi muito utilizado durante e depois do conflito, adaptado que foi à cirurgia civil em contextos de paz.

Na realidade, Alexis Carrel instalou-se, com auxílio e apoio financeiro do Rockefeller Institute, na linha da frente, tendo ido trabalhar para perto de Compiègne, no Hospital Militar Rand-Royal, que era conhecido pelo seu nome. Ali procurou solução para as feridas de guerra profundas, que provocavam choque nos pacientes, bem como para a gangrena gasosa, que surgia algumas horas após a cirurgia. Com o choque e o apodrecimento dos tecidos, o falecimento do combatente era comum



e sucedia pouco tempo depois, numa época em que, convém lembrar, não existia ainda a penicilina. Com o seu parceiro inglês Henry Drysdale Dakin, Alexis Carrel inventaria então o fluido antisséptico Carrel-Dakin<sup>5</sup>.

O trabalho de pesquisa continuou depois desta descoberta, e durou todo o tempo da comissão de serviço de Carrel no *front* francês. Ali desenvolveu métodos modernos de desinfecção e tratamento de feridas profundas, através da aplicação do «método Carrel», que determinava quando se devia proceder a um encerramento das feridas, e quando se devia deixar as mesmas expostas, amplamente abertas, permitindo a extirpação de materiais estranhos e tecido desvitalizado, assim como uma rápida limpeza com o fluido já referido. Também eram aplicadas tubagens, que permitiam a drenagem dos ferimentos, evitando a acumulação gasosa e de maus fluidos nos ferimentos. Com estes tratamentos modernos, diminuiu-se a incidência da gangrena e da septicémia entre os pacientes tratados em hospitais e unidades militares análogas. Era um profundo trabalho de vanguarda médica, desenvolvido na frente de batalha. Trabalho esse que Jorge Monjardino conhecia, e não de ouvir falar. Jorge Monjardino visitou o referido hospital, o que nos é recordado pelas suas próprias palavras.

*E com efeito no Hospital Carrel o visitante recebe amavelmente interessantes preleções acompanhadas de magníficas projecções sobre a evolução bacteriológica das feridas, sobre os aspectos cirúrgicos das suturas secundárias e também, por outro lado, lhe são dadas utilíssimas indicações sobre o modo correcto da preparação do líquido Dakin Daufresne, sobre a marcha da cicatrização que já hoje é representada por uma curva regular e geométrica.* (MONJARDINO, 1919: 1065).

As razões que levaram Monjardino de visita ao Hospital 21, em Compiègne, são visivelmente as da aprendizagem e do conhecimento, como para tantos outros profissionais da saúde que por ali passaram, em tempos de guerra. O *timing* exacto em que lá esteve é desconhecido, mas procuramos apurá-lo, com o auxílio de informação de arquivo francesa. Mas é certo que ele seguirá para aquela unidade hospitalar como visitante, não como médico. Ali, sente-se como um aluno, em que podemos antever mesmo alguma excitação e deslumbramento, pois assistiu a filmes e ouviu preleções de teor médico cheias de novidades importantes. Chega a referir que teve «o prazer e mesmo a ventura» de passar por aquela unidade médica hospitalar, a Meca do estudo dos ferimentos de guerra, um local de peregrinação para todos os que desejavam melhor alcançar os avanços das ciências médicas.

---

<sup>5</sup> Igualmente conhecido como Carrel-Dakin-Daufresne, pois tinha sido desenvolvido sob o trabalho efectuado anteriormente por Daufresne. O aperfeiçoamento do mesmo levou ao aparecimento deste soro de limpeza, que ganhou este nome – e igualmente fama – antes mesmo da guerra terminar (ROWE, 1917).

Jorge Monjardino era comprovadamente um médico, um grande cirurgião, mas igualmente um homem muito curioso, que via e antevia os desenvolvimentos científicos ao seu redor, e que alimenta no hospital Carrel, como tantos outros jovens médicos, a sua ânsia pelo saber, aprendendo e apreendendo com os melhores do seu tempo o que de mais moderno se sabia no tratamento de feridas de guerra complexas. Pois a guerra não se limitava a ferir: fazia-o com brutalidade. Cabia então ao médico descobrir novas formas de curar, de «remendar» o mal feito por novos tipos de armamento, que desmembravam corpos e dilaceravam almas. E, ao visitar Alexis Carrel, ao visitar o Hospital 21 e os seus colaboradores, Jorge Monjardino teve a oportunidade de ver e aprender com os melhores médicos do seu tempo, arautos da modernidade e do conhecimento médico-científico. Contudo, o tipo de ferimentos ia além dos que já vimos, e o seu percurso nos serviços médicos dos aliados também não se ficou por aqui.

### c) Viagem a Inglaterra e estadia em Sidcup

A guerra não se limitava a mutilar os corpos. Existiam cada vez mais ferimentos de cabeça e rosto, que os médicos não conheciam, ou que anteriormente só existiam em pequena escala. Depois, foram chegando aos postos de atendimento, às ambulâncias, aos hospitais, milhares de homens mutilados no rosto. Eram eles a verdadeira face visível da guerra, e a eles se somavam os milhares de amputados, de mutilados dos membros, muitas vezes sofredores de amputações diversas, pois a má sorte não parecia roubar apenas um pé, uma mão... Por vezes feria-os por todo o corpo, arrancando olhos, lábios, narizes, bem como uma das pernas, ou um braço... Estes eram ferimentos que a Medicina podia tentar sanar mas que, lamentavelmente, não podia eliminar. O soldado padecia da mutilação, vítima do obus, do morteiro e da metralha, e jamais voltaria a ser igual. Sobrevivendo, jamais regressaria ao que havia sido, antes do acidente, antes da guerra. Jorge Monjardino sabe da existência destes novos tipos de ferimento. Conhece que se fazem já reparações da face, como ele próprio menciona, intervenções delicadas, pertencentes a um ramo da cirurgia que sofria então colossais avanços, e que sabemos hoje ter dado origem à Cirurgia Reconstructiva Facial.

Porém, se uma amputação de membros resultava geralmente num ferimento consideravelmente similar, as mutilações no rosto não aparentavam possuir qualquer tipo de padrão. A cirurgia reconstructiva de um rosto pautava-se exactamente pela ausência de regras, por ser quase uma «cirurgia do imprevisto» (MONJARDINO, 1919: 1065). Nessas alturas, de pouco serviam os livros, os conhecimentos que tinham sido aprendidos nas cátedras e nos bancos das universidades. A cirurgia passava a ser arte. E se se desejava aprender sobre ela, tinha de se passar obrigatoriamente pelos

centros de trabalho da mesma, onde a arte se fazia e onde os artistas do rosto trabalhavam. Jorge Monjardino visitou pelo menos um deles, o Queen Mary's Hospital, em Sidcup, à época nos arredores de Londres. Mas nada o impediu de ter visitado o outro, situado no Hospital de Val-de-Grâce, em Paris.

Sobre o Val-de-Grâce não nos escreve Monjardino, mas era local comumente visitado pelos cirurgiões militares de serviço em França. Foi ali que, curiosamente, Harold Gillies conheceu o seu mentor, um dos pais da Cirurgia Reconstructiva da Face, frequentemente obliterado da memória histórica pelo trabalho do seu seguidor. Este era Hippolyte Morestin, pertencia à Universidade de Paris, e em Val-de-Grâce realizava algumas das mais complexas cirurgias maxilo-faciais (RIAUD, 2010). Mais curioso terá sido o facto de que foi igualmente numa Licença de Campanha que o neozelandês, radicado em Inglaterra, e a trabalhar no British General Hospital em Rouen, visitou Morestin em Paris. Jorge Monjardino seguiu-lhe os passos, como tantos outros que, como referimos, utilizaram os seus dias livres para se internacionalizarem e conhecerem os meandros da inovação e da modernização médica do seu tempo. Não sabemos se Jorge Monjardino visitou o Val-de-Grâce. Mas conhecia o trabalho daquele grande pioneiro francês, falecido precocemente, como tantas outras mentes brilhantes do seu tempo.

Pese embora mencione Morestin na sua conferência, mesmo que de forma fugaz, não podemos considerar como certa a sua presença naquele hospital parisiense, reinando assim a dúvida sobre a possibilidade de uma viagem a Paris. Contudo, dúvidas não existem no que diz respeito à estadia de Monjardino em Sidcup, Londres. E o que fez ele no Queen Mary's Hospital? Viu o trabalho do maior e mais proeminente reconstrutor facial do seu tempo, Harold Gillies. Refere Monjardino:

*Foi este último serviço que frequentei com assiduidade e aí vi fazer as coisas mais extraordinárias que já vi em cirurgia. Nesse serviço um facto que fere logo a atenção é a ordem, o método, a seriedade com que se apresentam os casos, devidamente documentados, mesmo ricamente, com boas fotografias antes e depois das operações, com melhores aguarelas, com gessos e até com bronzes, nos casos mais extraordinários. Olhando toda essa documentação e seguindo esses trabalhos, há a impressão nítida de se transformarem verdadeiras monstruosidades em faces humanas, evidentemente defeituosas mas, sem dúvida, belamente corrigidas. (MONJARDINO, 1919: 1065).*

O serviço de Gillies em Sidcup, que Monjardino visitou assiduamente, ficou retido na memória deste médico-cirurgião com pinceladas duradouras. E seria realmente um serviço médico-cirúrgico extraordinário, que deu origem, já nos nossos tempos, a um dos arquivos *online* mais fantásticos que tivemos oportunidade de examinar<sup>6</sup>. Neste,

---

<sup>6</sup> «The Queen Mary's Hospital Sidcup Archives», online em <http://gilliesarchives.org.uk>.

podemos consultar os casos que Harold Gillies e a sua equipa trataram naquela unidade hospitalar<sup>7</sup>. De momento desconhece-se se foram tratados soldados portugueses nas suas instalações. Porém, houve soldados de todas as nacionalidades internados no Queen Mary's Hospital, e não só os da Commonwealth. O arquivo poderá ainda mostrar os registos das visitas de Jorge Monjardino, convidado que foi a ver as suas instalações, salas de operações e locais de tratamento. O *site* exhibe ainda as imagens, as fotografias, as aguarelas que o médico português viu produzir, antes e depois das complexas e morosas cirurgias.

Assim, o que Monjardino viu foi o nascer de uma prática cirúrgica reconstrutiva que daria origem, anos depois, à Cirurgia Reconstrutiva, já mencionada, bem como à Cirurgia Estética, à qual Gillies se dedicaria no final da sua vida, reduzindo «defeitos» em estrelas de cinema, cantores e figuras proeminentes da política e das artes. E Jorge Monjardino testemunhou igualmente o nascimento de um arquivo que exhibe, ainda hoje, a brutalidade da guerra, chocando-nos, e demonstrando-nos a forma como os cirurgiões que ali trabalharam lidaram com o horror, com a deformação máxima e com a necessidade de reconstruir faces e almas.

Porém, Monjardino vai mais além, esclarecendo-nos sobre a confiança que a equipa de Gillies depositou nele. Não foi pequena e fugaz a sua visita àquela unidade hospitalar. A crer nas suas palavras, o médico português viu de tudo e de tudo nos descreveu, testemunhando o seu encantamento com o trabalho ali efectuado. Fascínio esse que ressoa ainda hoje, mesmo que tenham passado quase cem anos da sua visita a Londres. Ali, Monjardino teve a oportunidade de observar a forma como os enxertos pediculados – imagem de marca de Gillies e Sidcup – eram elaborados, bem como a forma como era orientada a produção de próteses e a associação de «reconstrução cirúrgica» e «medicina protésica». Refere a presença no hospital de dentistas conceituados e outros especialistas, entre os membros das vastas equipas. Testemunha as dificuldades, a necessidade de grandes tempos de recobro para estes pacientes, e ainda a batalha pela reparação dos tecidos moles e extirpação dos tecidos cicatriciais. E surpreende-se com a forma de aplicação de enxertos, bem como com a utilização de cartilagens para substituição de ossos faciais. Denota-se que tomou conhecimento de técnicas complexas e inovadoras, que iam da limpeza das feridas às anestésias mais perigosas. Tudo o que lhe foi mostrado acabaria por ser observado e registado. E em tudo ficou Jorge Monjardino maravilhado, pois Sidcup era uma instituição modelar, encontrando-se claramente na vanguarda do que se fazia em cirurgia.

---

<sup>7</sup> Caso a caso, Gillies referencia igualmente os tratamentos e reconstruções que fez no seu livro dedicado à reconstrução facial. Com descrições assertivas e profusamente ilustrado, este livro de 1920 é um verdadeiro tratado, de consulta obrigatória para quem deseja entender o que se evoluiu a nível da Cirurgia Reconstrutiva Facial (GILLIES, 1920).

## CONCLUSÃO

Vanguarda e modernidade. Jorge Monjardino soube movimentar-se nos círculos influentes da Medicina da sua época, bem como dirigir-se aos locais onde melhor se trabalhava, onde a cirurgia de guerra, fosse qual fosse o propósito, era melhor executada e produzia os melhores resultados. Como tal, a sua experiência possibilitou-lhe prolongadas reflexões, durante e depois da guerra, sobre a importância da guerra na Medicina, e sobre a Medicina na guerra, debatendo-se sobre as questões da medicina militar *versus* medicina civil, e até mesmo sobre a inovadora problemática da dor em cirurgia. E viajou. Conheceu polos hospitalares importantes. Não sabemos ainda quando o fez, mas antevemos por que o fez. Movimentou-se neste espaço militarizado com o intuito de aprender e trazer a aprendizagem para o seu país. Restará agora pensar e entender quanto do que absorveu no seu périplo transportou para as suas experiências e labores do pós-guerra.

Em 1974 J. E. McAuley chamou a atenção para a ausência de trabalhos de investigação relacionados com um dos grandes pioneiros do tratamento cirúrgico do rosto, mais especificamente da cirurgia maxilo-facial, Sir August Charles Valadier, oficial-médico na Primeira Guerra Mundial. A pesquisa efetuada por Valadier nos primórdios da guerra levou a que os exércitos inglês e francês incluíssem nos seus serviços de saúde, médicos-dentistas (MCAULEY, 1974). O tema deu origem a um desenvolvimento biográfico sobre o autor que auxiliou no aprofundamento do conhecimento dos serviços médicos ingleses e franceses durante a conflagração.

Alguns anos depois, João Lobo Antunes desvendava na revista *Acta Médica Portuguesa* a forma como descodificara a presença de Reinaldo dos Santos junto de Harvey Cushing<sup>8</sup>, o que sucedera em pelo menos duas ocasiões (ANTUNES, 1989). Uma simples leitura de um artigo estrangeiro fê-lo concluir que ambos os médicos se cruzaram nos hospitais ingleses do *Front*. O próprio Cushing o refere (Cushing, 1936: 265–266). Todavia, ainda ninguém tinha reparado nestas referências, nem em Portugal nem no Estrangeiro.

Na realidade, o que sucedeu a Charles Valadier, ignorando-se o seu papel durante a Grande Guerra, ou o desconhecimento da conexão entre Harvey Cushing e Reinaldo dos Santos durante conflito, é algo de muito comum em Portugal. Enquanto em Inglaterra ou em França se incrementaram os estudos destas e de outras per-

---

<sup>8</sup> Proeminente médico e neurocirurgião americano, Cushing é considerado por muitos um dos pais da cirurgia cerebral, senão a sua mais proeminente figura, numa época em que, em Portugal, Egas Moniz trabalhava na Leucotomia Pré-Frontal. Harvey Cushing foi alvo de trabalhos diversos, ao longo do século XX mas só foi consistentemente biografado nos inícios do século XXI, sendo que em inícios de 2007 se publicou a sua mais completa biografia, em inglês, e que não foi ainda traduzida para português. O mesmo sucede com outras personalidades médicas mundiais.

sonalidades médicas, presentes nesta guerra, na frente de batalha ou nos hospitais da *Home Front*, Portugal teima em não biografar os seus militares, muito menos os oficiais médicos que prestaram serviço em França ou em África. Desde a descoberta de Lobo Antunes em 1989, os estudos sobre a medicina da Primeira Guerra Mundial e sobre os médicos portugueses que a protagonizaram, assim como as evoluções e as aprendizagens médicas deste conflito, pouco ou nada evoluíram. Nada foi substancialmente aprofundado.

Desta forma, impera o desconhecimento, ignorando-se a vida de muitos dos médicos que foram importantes para uma época, muitos deles membros integrantes dos grandes Hospitais, Clínicas, Institutos e Universidades. Jorge Monjardino é apenas um exemplo. No entanto, existem centenas de médicos nas duas frentes de combate portuguesas. Não só Monjardino é desconhecido. Todo um mundo de oficiais médicos o é. Enquanto isso, devemos realmente ter em conta que Jorge Monjardino é representativo da procura pelo conhecimento, da busca pelo saber médico e da pesquisa activa que muitos efectuaram no estrangeiro, por forma a trazer para Portugal parte dessa modernidade que se desenvolvia no exterior. E fê-lo durante a guerra... Talvez fosse até melhor dizer que fê-lo por causa da guerra! Porém, o seu papel no conflito foi condenado ao esquecimento, tanto quanto a sua história de vida, antes e depois do mesmo. Em pouco se distingue dos seus muitos companheiros de profissão, incorporados nos serviços médico militares enviados para França.

Veja-se Reinaldo dos Santos, responsável em França pela Cirurgia Militar em Campanha. Ele é representativo do choque entre tradição e modernidade. Uma tradição médica que enviámos para França com os Serviços de Saúde do C.E.P. confrontada com a modernidade por ele apreendida nos anos anteriores à intervenção portuguesa, voluntário que foi nos hospitais ingleses. É o médico moderno que não aceita a velha tradição escolástica, a medicina atrasada sem recurso à experiência, sem o uso da máquina, do Raio-X, da análise, do aparelho para fracturas... Jorge Monjardino é-lhe similar, mas é igualmente sinónimo de reflexão. Uma clara reflexão sobre o que é a modernidade médica do seu tempo. Escreve a modernidade, apregoa-a ao vento com as suas palavras, menciona-a às audiências presentes e aos leitores que o folheiam. Ambos necessitam ser melhor conhecidos.

Na realidade, é fácil compreender, mesmo com uma simples e superficial análise do que nos deixou que, com as suas idas a Inglaterra e as suas visitas em França, Jorge Monjardino se tornaria um proclamador da modernidade e do intercâmbio médico-científico, preconizado por muitos como algo essencial à sua época. Ele é o produto da erudição académica mas igualmente do saber empírico, do conhecimento observado durante a guerra, que trouxe morte mas igualmente avanços científicos e tecnológicos, produzindo o horror mas igualmente o avanço nas ciências, e de entre

elas, a Medicina. A guerra foi a mão destruidora e, simultaneamente, abria as portas à procura de novas soluções para velhos e novos problemas. Aqueles que apanhou nas malhas da sua destruição necessitavam ser agora cuidados. E Jorge Monjardino, como muitos outros médicos, vê na Grande Guerra esse mesmo motor de avanço científico, particularmente a nível da cirurgia.

Outros observarão o mesmo, mas em áreas diferentes. Raul de Carvalho, enquanto médico analista, compreende a modernidade que o rodeia em Paris-Plage, perto dos hospitais de Étapes. Reinaldo dos Santos referirá que se tinha tornado especialista em fracturas (e conseqüentemente no uso do Raio-X!) *pendant la guerre*<sup>9</sup>. Formigal Luzes, um dos homens que incrementou a reabilitação motora e a fisioterapia em Portugal, fê-lo porque viu necessidade da mesma quando frequentou, conjuntamente com Tovar de Lemos e José Pontes, as conferências interaliadas que abordariam o futuro dos soldados mutilados. Aos seus esforços devemos hoje Alcoitão e os serviços de reabilitação que Portugal possui.

Jorge Monjardino acabará por ser quase como que um paradigma, extremamente rico e interessante, para vermos como deixámos as memórias e as vivências destes médicos para trás. É essencial conhecê-los, como reflexos da modernidade do país, e entender quando e onde fomos originais e únicos. Precisamos compreender personalidades médicas como esta para perceber a modernidade dos próprios serviços de saúde civis nos tempos do pós-guerra, onde tantos viriam a trabalhar. Actualmente tendemos à produção desenfreada de biografias diversas, mais ou menos ricas em factos, discutidas até enquanto estilo narrativo e enquanto produto da História, dentro das universidades ou na própria imprensa. Também aumentou o número de análises biográficas de políticos ilustres nos últimos dez ou quinze anos, enchendo estantes de grandes livrarias com análises de vidas mais ou menos relevantes para o nosso dia-a-dia. Mas julgo que ficou igualmente bem determinado nestas linhas que, da modernidade médica portuguesa dos inícios do século XX, pouco ou quase nada saberemos se não conhecermos melhor os seus intervenientes, como é o caso do médico militar, presente na Grande Guerra, e que agora evocamos, Jorge de Almeida Monjardino.

---

<sup>9</sup> Foi inclusivamente comum o surgimento de obras que reflectiam a aprendizagem médica, efectuada por alguns especialistas durante a Grande Guerra. Reinaldo dos Santos escreveu sobre a sua experiência antes da entrada de Portugal na conflagração. Já George Makins aprendeu a cuidar feridas por bala durante a guerra, traduzindo o seu conhecimento detalhado em livro, profusamente ilustrado, que serviria para auxílio de uma geração seguinte, a qual partiu novamente para a guerra (SANTOS, 1916; MAKINS, 1919).

## FONTES

### Manuscritas

Arquivo Histórico Militar (A.H.M) *Fundo do CEP*, «Boletim Individual de Jorge de Almeida Monjardino», PT/AHM/DIV/1/35A/1/08/2350.

### Impressas

CARVALHO, Raul de Carvalho ([1917], 2013) – *Quando Raul foi à Guerra. Memórias de um médico português na I Guerra Mundial*. Lisboa: Matéria-Prima Edições.

CUSHING, Harvey (1936) – *From a Surgeon's Journal: 1915-1918*. Boston: Little, Brown, and Company.

GILLIES, Harold Delf (1920) – *Plastic Surgery of the Face Based on Selected Cases of War Injuries of the Face Including Burns, with Original Illustrations*. London: Frowde.

MAKINS, George Henry (1919) – *On Gunshot Injuries to the Blood-Vessels, Founded on Experience Gained in France during the Great War, 1914-1918*. New York: Wood.

MONJARDINO, Jorge (1918a) – *Cirurgia de guerra: conferência*. [s.l.: s.n.].

MONJARDINO, Jorge (1918b) – *Some Notes on Portuguese Surgery*. «The Lancet», n.º 191(4926), p. 138-142.

MONJARDINO, Jorge (1919) – *Cirurgia de Guerra: Conferência*. «Atlântida. Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brasil», Vol. IX, n.º 35-36, p. 1062-1067.

ROWEN, R. M. (1917) – *A Note on the Carrl-Dakin-Daufresne Treatment*. «British Medical Journal» n.º 2 (2960), p. 387.

SANTOS, Reinaldo dos (1916) – *A cirurgia na frente ocidental*. Lisboa: Tipografia Mendonça.

## BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, J. L. (1989) – Harvey Cushing e Reynaldo dos Santos. «Acta Médica Portuguesa», n.º 2(6), p. 302-305.

DROUARD, Alain (2000) – Alexis Carrel. Paris: Editions L'Harmattan.

GERMAIN, Michel A. (2013) – Alexis Carrel. Paris: Editions L'Harmattan.

MCAULY, J. E. (1974) – Chares Valadier. A Forgotten Pioneer in the Treatment of Jaw Injuries. «Proceedings of the Royal Society of Medicine», n.º 67(8), p. 785-789.

RIAUD, Xavier – Pionniers de la chirurgie maxillo-faciale. Paris: Editions L'Harmattan.